

Plurilinguismo, Multilinguismo e Bilinguismo: Reflexões sobre a Realidade Linguística Moçambicana

Leonarda Jacinto José Maria Menezes¹

Resumo: Moçambique é um país plurilíngue e pluricultural. Esta situação linguística e cultural decorre de fatores históricos e sociais. No país coexistem várias línguas étnicas de origem bantu com a Língua Portuguesa, além de línguas transplantadas por imigrantes que se instalaram no país, diversidade linguística que faz de Moçambique uma sociedade plurilíngue e pluricultural, resultado de convivências com várias etnias, várias línguas e várias culturas. A situação de plurilinguismo no país remete-nos para a relação língua e sociedade, questão objeto de estudos da Sociolinguística, ciência que se preocupa em explicar a variabilidade linguística e sua relação com diversos fatores linguísticos e sociais, buscando também relacionar variação e mudança linguística. As variações em língua portuguesa em Moçambique incluem aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e retóricos.

Palavras-chave: Línguas Bantu. Moçambique. Plurilinguismo. Variação Linguística.

Abstract: Mozambique is a multilingual and multicultural country. This linguistic and cultural situation comes from historical and social factors. Coexist in the country several ethnic languages of Bantu origin with the Portuguese language, and languages transplanted by immigrants who settled in the country, linguistic diversity that makes Mozambique a linguistic environment and multicultural society, the result of cohabitation with multiple ethnicities, many languages and many cultures. The situation of multilingualism in the country send us the link to language and society, subject matter of Sociolinguistics studies, science that is concerned with explaining the linguistic variation and its relationship with various linguistic and social factors, also seeking to relate variation and language change. Variations in the Portuguese language in Mozambique include aspects of phonetics, phonology, morphology, syntactics, semantics, pragmatics and rhetorics.

Keywords: Bantu Languages. Mozambique. Multilingualism. Linguistic Variation.

Na África, independentemente da dimensão geográfica e da densidade demográfica, todos os países são plurilíngues e multiculturais, situação linguística e cultural que decorre de fatores históricos e sociais particulares a cada país. A situação linguística de Moçambique

¹ Leonarda Jacinto José Maria Menezes, Avenida Vladimir Lenine, nº 565, 41, Maputo – Moçambique. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia - Brasil, docente da Universidade Eduardo Mondlane. O artigo se insere na Área de Descrição e Análise Linguística, Linha de Pesquisa – Aquisição e Ensino de Português e na subárea do Ensino Bilingue.
Leonarda_menezes@yahoo.com.br

não foge a esse cenário. Assim, em seu território coexistem várias línguas étnicas com a Língua Portuguesa, além de línguas transplantadas por imigrantes que se instalaram no país, diversidade linguística que faz de Moçambique uma sociedade plurilíngue e pluricultural, resultado de convivências com várias etnias, várias línguas e várias culturas. Este cenário de plurilinguismo remete-nos para estudos sobre o bilinguismo e educação bilíngue. Fatores históricos, sociais e culturais também devem ser atentados para que os estudos linguísticos realizados no país sejam representativos da realidade local, dado que esses fatores concorrem para a representação da identidade do indivíduo moçambicano, na sociedade, na comunidade, independentemente da sua língua, sua cultura e sua etnia. No entanto, esta situação de plurilinguismo em Moçambique faz com que se verifique a possibilidade de opção por códigos distintos por parte da população, o que significa que o uso do português acarreta uma escolha significativa, reforçando a posição político-ideológica do indivíduo.

As línguas africanas concorrem num mesmo território com as línguas anglófonas ou lusófonas, línguas do ex-colonizador, como é o caso de Moçambique, Angola, Tanzânia, África do Sul, Zâmbia, e outros, dando lugar a situações de plurilinguismo ou multilinguismo. Assim, é importante tecermos considerações teóricas acerca do plurilinguismo, fenômeno linguístico que é observado em Moçambique e em vários outros países africanos.

De acordo com o Quadro Comum Europeu, o conceito de plurilinguismo está ligado ao ensino de línguas estrangeiras. Este conceito difere do multilinguismo, na medida em que este se refere basicamente à oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem e ao processo de motivação dos alunos para a aprendizagem de diferentes línguas, enquanto que o plurilinguismo não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura.

Afirma o Documento:

A competência plurilíngue e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, onde uma pessoa vista como um agente social tem proficiência, de níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas (CONSELHO da EUROPA, 2001, p. 168).

Sobre o assunto, Gonçalves e Andrade (2007, p. 64), argumentam que desenvolver a competência plurilíngue é valorizar a construção da identidade através do contato com outras línguas e culturas pela promoção de uma educação para a cidadania de abertura e respeito pela diferença. Para estas autoras, o contato com outras vivências e outros modos de ser e estar na

vida promove o enriquecimento humano e fomenta uma maior abertura de espírito, condições fundamentais para a construção de uma competência plurilíngue e intercultural que conduza à compreensão e aceitação de outras maneiras de pensar, de encarar a realidade e de agir. Deste modo, e tendo em conta o objetivo acima mencionado, as autoras afirmam que as práticas de educação em línguas terão que se reconceitualizar “preocupando-se em fazer do sujeito não um bilíngue perfeito, mas alguém dotado de uma competência que evolua no sentido de uma competência plurilíngue” (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 64).

Assim, a competência plurilíngue designa a capacidade de cada falante ativar capacidades e conhecimentos que possui, ou seja, diz respeito ao repertório linguístico de que o falante dispõe, de forma a ser capaz de comunicar e compreender mensagens numa dada situação de comunicação que se constrói pela presença de mais de uma língua, conforme argumentam as autoras já citadas:

esta competência é relativamente autônoma face aos conteúdos e materiais escolares, já que se estrutura e evolui para além da escola, noutros contextos que são os contextos de vida e de formação dos próprios sujeitos, afirmando-se como uma competência plural, evolutiva e flexível, necessariamente desequilibrada e aberta ao enriquecimento de novas competências em função de novas experiências verbais (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 66).

A competência plurilíngue compõe-se de quatro dimensões: socioafetiva; gestão dos repertórios linguístico-comunicativos; gestão dos repertórios de aprendizagem; e a gestão de interação (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 66).

As autoras, ainda discutindo a competência plurilíngue, destacam estratégias que podem auxiliar os aprendizes a desenvolvê-la:

construir a sua identidade cultural e linguística através da integração nessa construção da experiência diversificada do outro; e a desenvolver a sua capacidade para aprender, através de uma mesma experiência diversificada de relacionamento com várias línguas e culturas (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 70).

Assim, a função do professor passa a ser não só ensinar uma língua particular, mas possibilitar a construção e o desenvolvimento da competência plurilíngue, respeitando, valorizando e incluindo outras línguas na sua prática curricular.

Fontão (2011, p. 4) afirma, em relação ao plurilinguismo e apoiando-se no Quadro Europeu Comum de Referências (QECR), que o plurilinguismo decorre direta ou

indiretamente das competências de intercompreensão e de comunicação intercultural. Esse conceito se assenta, sobretudo, na necessidade de dar resposta à diversidade linguística e cultural de um país e de comunicar eficazmente numa sociedade que é, cada vez mais, multilíngue e multicultural.

O plurilinguismo, segundo o autor acima citado, admite uma dimensão intercultural que, na prática, se traduz pela interação e/ou mediação sócio comunicativa. Desse modo, a educação em matéria de línguas constitui-se, sobretudo, como um espaço privilegiado de objetivos políticos consignados para a cidadania democrática (FONTÃO, 2011, p. 5).

Essa definição de plurilinguismo acentua o fato de que a experiência pessoal de um indivíduo, no seu contexto cultural, se expande para a sociedade em geral e, depois, para as línguas de outros povos (aprendidas na escola, na universidade) ou por experiência direta. Essas línguas e culturas não ficam armazenadas em compartimentos mentais rigorosamente separados. Ao contrário, constrói-se uma competência comunicativa, para a qual contribuem todo o conhecimento e toda a experiência das línguas, bem como a compreensão de como as línguas em questão se inter-relacionam e interagem (FONTÃO, 2011, p. 5).

A seguir, passamos a apresentar o ponto referente à variação sociolinguística em Moçambique.

A variação sociolinguística em Moçambique

Para melhor entendermos a diversidade linguística de Moçambique, cabe-nos definir o que é bilinguismo e o que é ser bilíngue em países com contextos plurilíngues.

Segundo Câmara Júnior (1974, p. 94), bilinguismo é a capacidade de um indivíduo de usar duas línguas distintas, como se ambas fossem a sua língua materna, optando por uma ou por outra, conforme a situação social em que no momento se ache. Esta definição não se diferencia muito da de Hamers e Blanc (1989, p. 6), segundo a qual o bilinguismo é o controle de duas línguas equivalente ao controle de que o falante nativo dessas línguas é capaz. Para estes autores, o sujeito bilíngue é aquele que funciona em duas línguas em todos os domínios, sem apresentar interferência de uma língua na outra.

No entanto, esta definição de bilinguismo é contestada por Cavalcanti (2007, p. 72), que problematiza a questão de definir “quem é o falante nativo que é tomado como modelo e qual é o seu controle linguístico”. Ela afirma que, no conjunto dos falantes nativos de uma

dada língua, sempre se encontra uma variedade imensa de comportamentos linguísticos, a depender da procedência, da faixa etária, do gênero, da ocupação, do nível de escolarização. Entende-se daí que o falante nativo e sua competência sejam uma abstração. Para alguns autores, há a noção de que o sujeito bilíngue seria a somatória perfeita de dois monolíngues igualmente perfeitos - o que quer que isso signifique. Tal situação nos remete à noção de bilinguismo equilibrado, defendido por investigadores como Grosjean (1982, p. 91) e MacSwan (2000, p. 37), que alertam para o fato de que o “bilíngue verdadeiro”, não o idealizado, não exhibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. Sua proficiência depende do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão. A depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala², ele é capaz de usar melhor uma língua do que outra e, até mesmo, de comunicar-se melhor em apenas uma delas em certas práticas comunicativas. Assim, a competência comunicativa de um sujeito bilíngue só pode ser compreendida e avaliada quando se consideram as funções que ambas as línguas de seu repertório verbal têm para ele.

Diferentemente do sujeito monolíngue, cuja carga funcional da linguagem está inteiramente alocada em uma única língua, o bilíngue tem esta mesma carga distribuída em duas e, por isso, avaliar um comportamento exclusivamente em uma delas é avaliá-lo apenas parcialmente. Sabe-se que as competências do sujeito bilíngue não são fixas, estáveis. À medida que as exigências para cada língua mudam, muda a configuração do repertório do bilíngue, modificando, também, o falante.

O funcionamento discursivo do sujeito bilíngue prevê a utilização de mudança de código (*code switching*) e empréstimos linguísticos (*borrowings*) em sua gramática³. Segundo Gumperz (1982, p.75), o *code switching* é um fenômeno linguístico natural que consiste no uso alternado de dois ou mais códigos nas interações conversacionais entre indivíduos bilíngues. O mesmo autor ressalta que a escolha não marcada do código na conversação é feita de maneira suave e quase que instantânea, não havendo, portanto, negociações abertas a respeito da língua a ser utilizada, uma vez que há uma ‘partilha de códigos e princípios de interpretação’ e ‘pressuposições tácitas’ entre os participantes. Assim, mesmo que os falantes sejam livres em relação à sua escolha de código, a interpretação de tal escolha é restrita. Relativamente aos empréstimos linguísticos, sabe-se que estes ocorrem quando uma língua integra uma palavra existente em outra língua, sendo que a palavra não sofre grandes

² Questões que envolvem a necessidade ou o desejo de reafirmação de identidade étnica ou social frequentemente afetam o grau de competência exibida pelo bilíngue.

³ Ver a este respeito Baker (1993, p. 102), Romaine (1989, p. 99) e Gumperz (1982, p.75)

alterações e mantém o mesmo sentido. Algumas dessas palavras emprestadas de outras línguas no português passam por um processo de aportuguesamento que não deixa claro para o emissor que se trata de uma verdadeira influência que outras línguas exercem sobre a mesma. Este processo ajuda na ampliação do léxico, adotando e adaptando um termo de outra língua qualquer em determinado momento histórico. Sabe-se também que os empréstimos fazem parte dos neologismos formais. No Português de Moçambique (PM), o processo de formação de novas unidades lexicais passa por procedimentos normais de criação lexical, quer através da forma, quer através do sentido, embora saibamos que não podemos confundir neologismos com empréstimos e ‘estrangeirismos’, conforme aponta Vilela (1995, p.23). No entanto, para o caso do PM que se encontra em contato permanente com as línguas bantu, os empréstimos estão muitas vezes integrados aos neologismos formais, como podemos ver nos exemplos de Silva (2009, p.113), quando demonstra que foram criados, no poema de Craveirinha⁴, neologismos a partir tanto do léxico português como do *ronga* que foram lexicalizados no PM, como é o caso das palavras “inconstruir” (cidades inconstruídas) no poema “Hino à minha Terra” ou “timbileiros”, tocadores de timbila (a maviosa velha canganhica dos timbileiros/acaba os ócios) no poema “Timbileiro” em (Karingana wa Karingana), de José Craveirinha. Existem ainda no léxico do PM algumas palavras que provêm das línguas bantu ou do inglês, palavras que entraram na língua, mas que mantiveram a sua forma original, ainda que sejam de uso corrente, como é o caso das palavras *Shopping Center, show, compact disc, feedback, workshop, nice, background*, (que provêm do inglês) e *txova-xitaduma, dumba-nengue, tchungamoio, vunar*, etc (que provêm das línguas bantu).

Entretanto, Cavalcanti (2007), ao abordar a questão do *code switching*, afirma que um bom bilíngue transita de uma língua para outra justamente porque, diferentemente do monolíngue, tem competência nas duas línguas. O *code switching* não é falta de competência, mas sinal de competência bilíngue, algo que faz muito sentido quando consideramos que a mudança de código não se dá através de misturas *ad hoc*. Esses procedimentos são, para o bilíngue, recursos comunicativos poderosos dos quais ele lança mão com frequência para, pragmaticamente, atribuir sentidos vários aos seus enunciados, para expressar a afetividade⁵, relação de poder, mudança de tópico, identidade social e/ou étnica, dentre outras possibilidades. Não se trata de um *deficit*, mas de um recurso sofisticado com que somente os

⁴ José Craveirinha é um escritor e poeta moçambicano que publicou várias obras quando em vida.

⁵ Veja-se o caso do bilíngue em Moçambique, que é falante de duas línguas maternas (a do pai e da mãe) e que, para evitar conflitos familiares, fala numa determinada língua materna numa situação de conversação com a avó materna e noutra língua com a avó paterna, para que todas compreendam o discurso.

bilíngues podem contar. Por essa razão, os bilíngues se sentem mais à vontade na companhia de outros bilíngues, pois na interação com monolíngues não podem lançar mão de todas as habilidades comunicativas que têm à sua disposição (CAVALCANTI, 2007, p. 75)⁶.

O estudo do bilinguismo remete-nos para a relação língua e sociedade, questão objeto de estudos da Sociolinguística.

Para Lopes (2001, p. 84), o objeto de estudo da Sociolinguística é a fala viva em seu contexto real, não apenas a língua idealizada, objeto de outros tipos de estudo. Afirma ainda que a Sociolinguística é uma ciência que estuda fatos linguísticos propriamente ditos em contextos sociais específicos, buscando descrever e interpretar as relações que tais fatos mantêm com o contexto social de sua produção. Assim, a Sociolinguística preocupa-se em explicar a variabilidade linguística e sua relação com diversos fatores linguísticos e sociais, buscando também relacionar variação e mudança linguística. Desse modo, a Sociolinguística considera a heterogeneidade como uma situação natural ou normal da língua (LOPES, 2001, p. 84).

Lopes (2001, p. 84) afirma também que a heterogeneidade linguística é vista como ordenada. Sendo parte integrante da economia linguística da comunidade, a heterogeneidade é necessária para satisfazer a demandas linguísticas da vida cotidiana e deve ser entendida como distinta da variação livre. Para a autora, a ocorrência de variantes relaciona-se a traços do ambiente interno e a características externas, do falante e da situação (estilo contextual, *status* e mobilidade social, etnicidade, sexo, idade). Assim, a escolha de variantes identifica o falante, seu grupo social, sua faixa etária, sexo etc. As pressões sociais operam continuamente sobre a linguagem, não apenas em um passado remoto, mas como uma força dinâmica que atua constantemente no presente (LOPES, 2001, p. 85).

Segundo Tarallo (2007, p. 6), a cada situação de fala em que nos inserimos e de qual participamos, notamos que a língua falada é heterogênea e diversificada. É essa situação de heterogeneidade que deve ser estudada através de uma teoria da variação linguística em todas as sociedades, particularmente as plurilíngues, como Moçambique, em que a maioria da população é, pelo menos, bilíngue. Esta teoria é um modelo teórico-metodológico que, segundo Tarallo (2007, p. 7), assume o ‘caos’ linguístico como objeto de estudo. Este modelo

⁶ Veja-se, a título de exemplo, os estudantes estrangeiros em países monolíngues, que são bilíngues ou falantes de mais de duas línguas, que se veem, por vezes, impotentes em uma situação de comunicação, quando querem expressar-se em suas línguas maternas, para melhor explicarem os seus sentimentos, ou traduzirem expressões com exemplos que só nas suas línguas maternas seriam possíveis e com maior impacto comunicacional.

seria meramente social, pois “no meio social as variantes coexistem em seu campo natural de batalha” (TARALLO: 2007, p. 7).

Sabe-se que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação, denominadas ‘variantes’. Assim, consideram-se como ‘variantes linguísticas’ as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’ (TARALLO, 2007, p. 8). De acordo com a Teoria da Variação, toda e qualquer variante de uma língua é adequada linguisticamente e é inapropriado dizer-se que há variantes piores ou melhores. É nesta sequência de ideias que Silva (2009, p. 18) afirma:

Além de não haver língua melhor ou pior, não há línguas primitivas ou evoluídas – toda língua permite a expressão de qualquer conceito. Caso seja necessário incorpora-se vocabulário novo ampliando-se o léxico da língua em questão. Todas as línguas mudam continuamente (SILVA, 2009, p. 18).

Contudo, não é o que se tem verificado no dia-a-dia em relação à língua, principalmente em contextos plurilíngues. Sabe-se que falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes, a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas e/ou construídas. Trata-se de variantes de prestígio e variantes estigmatizadas e, conseqüentemente, as variantes padrão e as variantes não padrão que, ou são relacionadas com a classe de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes, ou se desviam desses parâmetros (SILVA, 2009, p. 12).

Esta classificação das variantes vale para todos os países em que, juntamente com a língua padrão, coexistem outras línguas, como é o caso de países plurilíngues, à semelhança do português falado em Moçambique que, para uma grande maioria de falantes de algumas regiões deste país, é marcado pelo sotaque/pronúncia das línguas nacionais desses falantes.

As variações em língua portuguesa em Moçambique abrangem dimensões linguísticas, que incluem aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-pragmáticos e retóricos. Apresentamos, em seguida, alguns exemplos dessa variação, que marcam o estado de ‘nativização’ do português em Moçambique. Um fator evidente que dá um aspeto único ao português falado em Moçambique é a variação do sotaque que aparece em todas as línguas maternas de origem bantu e que, muitas vezes, surge em conexão com uma transferência de propriedades dessas línguas. Entre os traços que mostram este tipo de transferências incluem-se os seguintes:

a) Ensurdimento das oclusivas sonoras, típicas dos falantes nativos do *emakhuwa*. O sistema fonológico do *emakhuwa* só contém oclusivas surdas e, por isso, não contempla uma distinção fonológica entre oclusivas sonoras e surdas, como o português faz.

Ex. (PE: [bɔla] ‘bola’; PM: [bɔla]; Emakhuwa: [pɔla])

(PE: [buru] ‘burro’ PM) [buru]; Emakhuwa: puru]

b) traços lexicais: surgem através de empréstimos lexicais das línguas maternas no português falado em algumas zonas de Moçambique:

Ex. *Dumba-nengue*, palavra de origem ronga, língua moçambicana, que literalmente significa ‘confie nas suas pernas’, uma expressão usada em referência a um tipo de mercado informal, na zona sul de Moçambique. A palavra é uma combinação de «*ku-dumba*», ‘confiar’ e «*nengue*», ‘pé/perna’. Indica o fato de que os mercados informais são ilegais e, por isso, os vendedores têm que fugir constantemente da polícia, confiando nas suas pernas.

Ex. *Tchova-xitaduma*, que literalmente significa ‘vá empurrando, que vai pegar’, usada em referência a um tipo de carroça que é empurrada por um homem. A palavra é uma combinação de «*ku-tchova*», ‘empurrar’, e «*ku-duma*», ‘o pegar de um motor’.

Ex. *Tchungamoio*, que literalmente significa ‘aperta coração’ isto é, palavra usada no PM para significar mercado informal, mercado repleto de malfeitores, oportunistas e saqueadores de bolsas das senhoras desatentas. Esta palavra é transferida para o PM, em toda a cidade da Beira, zona centro de Moçambique.

Ex. *Mukhero*, que significa ‘contrabando’ – ‘fuga ao fisco na importação e exportação de mercadorias. Trata-se de um mercado informal, realizado nas fronteiras dos países vizinhos de Moçambique. Esta palavra entrou no PM por via da língua *changana*. O termo *mukhero* designa uma prática exercida pelos residentes das vilas fronteiriças e consiste no transporte de mercadorias em pequenas quantidades, tantas vezes quantas as necessárias de e para cada um dos lados da fronteira com a condescendência das autoridades alfandegárias. O indivíduo que pratica o *mukhero* é designado de *mukherista*.

Ex. *Chima*, que significa “pirão de farinha de milho, ou de outro cereal, que geralmente acompanha os pratos de peixe ou carne”. Esta palavra entrou no PM por via das línguas *emakhuwa*, *cisena* e *cinyngwe*, zonas norte e centro de Moçambique.

De um modo geral, em Moçambique, a população é bilíngue no contexto das línguas *bantu* moçambicanas, que são cerca de vinte, cada uma possuindo normalmente certo número de dialetos. Às vezes, existem falantes de duas ou mais línguas dentro do mesmo grupo linguístico. Entretanto, para fins educativos, as comunidades são consideradas e definidas

como linguisticamente homogêneas, dado que, de um modo geral, há uma língua que é o principal meio de comunicação local e, no caso de programas de educação bilíngue, é a língua usada como meio de ensino nas primeiras classes. Os contextos urbanos são linguisticamente heterogêneos devido à afluência de falantes de diversas línguas nos mesmos locais.

Estudos de Lopes (2004, p. 27), Firmino (2000, p. 33), Ngunga (1992, p. 7), Gonçalves (1999, p. 36) e Katupha (1988, p. 12), sociolinguistas moçambicanos, e os dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação (2007) feito pelo Instituto Nacional de Estatística, em Moçambique, mostram que, numa população de cinco anos de idade ou mais, os que sabem falar português nas zonas urbanas equivalem a uma percentagem de 72.4% e, nas zonas rurais, de 25.4%, dos quais 15.6% são mulheres. Entretanto, os que têm o português como língua materna equivalem a 17% nas zonas urbanas e representam 2% nas zonas rurais.

Assim, para o contexto educacional, vislumbra-se um cenário deveras preocupante, já que, quando ingressa no ensino primário, a maioria dos alunos não fala o português. Tal situação se afigura ainda mais grave no que tange aos alunos do meio rural, onde o português é praticamente língua estrangeira, ouvida pela primeira vez em contexto de sala de aula, devido à quase inexistência de meios de comunicação que possam difundir esta língua.

Assim, o fato de o português em Moçambique ser para a maioria da população moçambicana língua segunda (L2) e/ou língua estrangeira (LE), e o fato de a maioria da população ser bilíngue fazem com que o setor da educação passe por avaliações regulares dos programas de ensino, particularmente na busca de melhores metodologias de ensino do português, principalmente na educação primária. Outrossim, são regulares a idealização e implementação de estratégias do ensino do português, assim como a procura de melhores atitudes a tomar face às diferentes variantes do português em Moçambique, quando se toma como parâmetro o português-padrão europeu, usado como norma.

Após estas reflexões sobre a situação linguística de Moçambique, cabe dizer que as línguas moçambicanas que se encontram em contato permanente com a língua portuguesa, língua de unidade nacional e língua de comunicação interétnica, falada pela maioria da população como segunda língua e/ou língua estrangeira, criam situações de variação, principalmente a variação do sotaque, que marcam o estado de ‘nativização’ do português em Moçambique em todas as regiões do país. Essa variação aparece em todas as línguas maternas de origem bantu que surge em conexão com uma transferência de propriedades dessas línguas, independentemente se o falante tem o português como L1, L2 e/ou LE.

Referências

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa**. 6ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

CAVALCANTI, Marilda Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FIRMINO, Gregório. **Situação linguística de Moçambique**. Maputo: INE, 2000.

FONTÃO, Manuel Fonseca. “Multiculturalismo e Plurilinguismo”. In **Quiosque das letras**, 2011, disponível em: <www.quiosquedasletras.blogspot.com/...multiculturalismoeplurilinguismo>. Acesso em 07 abr. 2012.

GONÇALVES, Maria de Lurdes e ANDRADE, Ana Isabel. “Disponibilidades e auto-implicação: desenvolvimento profissional e plurilinguismo”, in **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3(63), p. 457-477, set/dez, 2007, disponível em: <www.plurilinguismo.pdf-adobreader>. Acesso em 04 abr. 2012.

GROSJEAN, François. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAMERS, Josiane e BLANC, Michel. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KATUPHA, José Mateus. **O panorama linguístico de Moçambique e a contribuição da linguística na definição de uma política linguística apropriada**. Maputo: Lua Nova, Letras, Artes e ideias, 1988, p. 33-37.

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. Tese de Doutorado, 2001. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural**. São Paulo: EDUC, 2004.

NGUNGA, Armindo Saúl Atelela. **Breves notas sobre a situação linguística de Moçambique**. Maputo: *Notícias*, de 28 de fevereiro de 1992.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1995.